

# Uma Introdução à Cosmovisão Calvinista Kuyperiana

---

Nilson Moutinho dos Santos

A comunhão 'de estar' de Deus deve tornar-se realidade, na realização plena e vigorosa de nossa vida. Deve penetrar e dar cor a nossos sentimentos, nossas percepções, nossas sensações, nossos pensamentos, nossa imaginação, nossa vontade, nosso agir, nosso falar. Não deve colocar-se como um fator estranho em nossa vida, mas deve ser a paixão que inspira toda existência<sup>1</sup>.

Não existe uma só polegada, em todo o domínio de nossa vida humana, da qual Cristo, que é soberano de tudo, não proclame: 'Minha!'<sup>2</sup>

## 1. Introdução

Pretendemos neste artigo traçar um rápido esboço da *Cosmovisão Calvinista* como retratada pelo *Calvinismo Holandês* de Abraham Kuyper em suas célebres *Palestras Stones*, proferidas em 1898, no *Seminário Teológico de Princeton*, nos Estados Unidos.

Evidentemente, antes, precisamos dar uma nota biográfica sumária sobre Kuyper para aqueles que ainda não o conhecem. Nascido em Maassluis, Holanda, em 29 Outubro de 1837, faleceu em 1920 com a idade de 83 anos. Graduou-se na *Universidade de Leyden*, com a mais alta honra, obtendo seu Doutorado em Teologia Sagrada em 1863, com cerca de 26 anos de idade. Tornou-se editor nos jornais *De Standaard*, órgão oficial do partido Anti-Revolucionário, e *De Heraut*, um jornal nitidamente cristão, por mais de 45 anos. Em 1877 foi eleito membro da *Casa Baixa do Parlamento* (Câmara dos Deputados) e, em 1880, fundou a *Universidade Livre de Amsterdã* que adotava a Bíblia como base para todo o desenvolvimento da estrutura do conhecimento. Assumiu a liderança do partido Anti-Revolucionário até 1901, ano em que foi convidado pela rainha Guilhermina para ser primeiro-ministro, ocupando o cargo até 1905. É mundialmente conhecido como uma influente e eminente pessoa pública da Holanda.

Na sua longa e profícua vida atuou em muitos campos do conhecimento. Foi estudante, pastor, pregador, lingüista, teólogo, professor universitário, líder de partido, organizador, estadista, filósofo, cientista, publicista, crítico e filantropo. Sua capacidade de produção era quase sobre-humana. Foram mais de duzentas obras, algumas das quais de mais de quatro volumes, cobrindo uma série muito vasta de assuntos. Sua obra era multiforme num grau impressionante. Apesar disso, orgulhava-se de ser um homem do povo e nunca se recusou a receber qualquer um que o procurasse em busca de conselhos.

Apesar de um teólogo profundo, era um cristão piedoso. Produziu uma obra prima da literatura devocional denominada *Estar Perto de Deus*. Suas conhecidas *Palestras Stones* são o objeto desta reflexão que fazemos. Pode-se ter um vislumbre do segredo da vida deste homem meditando naquilo que ele disse<sup>3</sup> por ocasião do seu 25º aniversário como editor do *De Standaard*:

Um desejo tem sido a paixão predominante de minha vida. Uma grande motivação tem agido como uma espora sobre minha mente e alma. E antes que seja tarde, devo procurar cumprir este sagrado dever que é posto sobre mim, pois o fôlego de vida pode me faltar. O dever é este: Que apesar de toda oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente no lar, na escola e no Estado para o bem do povo; para esculpir, por assim dizer, na consciência da nação as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a Criação dêem testemunho, até a nação novamente render homenagem a Deus.

Passemos de imediato ao conceito de cosmovisão definido por Sire<sup>4</sup>, em sua essência, como:

[...] um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou inconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a formação básica de nosso mundo.

Neste sentido Kuyper apresenta, em suas palestras, o Calvinismo como um conjunto de pressuposições verdadeiras, conscientemente sustentadas por todo calvinista consistente, para suporte de suas ações no mundo. Na realidade, o termo *sistema de vida* é utilizado por Kuyper nestas palestras para traduzir o termo de origem alemã *Weltanschauung*, cuja tradução literal seria *conceito do mundo* ou *cosmovisão*. Todavia, para evitar que mesmo esta tradução pudesse estar excessivamente associada aos aspectos físicos da natureza, ele utiliza também a tradução alternativa *concepção de vida e do mundo* à qual poderíamos também denominar *biocosmovisão*.

É necessário ainda explicitar o contexto no qual as referidas palestras kuyperianas foram proferidas para podermos compreender algumas de suas ênfases. Quando Kuyper proferiu as seis *Palestras de Stone* na *Universidade de Princeton*, em 1898, estava no auge o grande conflito mortal de princípios entre o Modernismo e o Cristianismo. Ele apresentou o Modernismo como herdeiro da Revolução Francesa de 1789, cujo lema principal era: “Nenhum Deus, nenhum senhor”. O combate se trava ordenando-se princípio contra princípio, pois<sup>5</sup>:

O Modernismo está comprometido em construir um mundo próprio a partir de elementos do homem natural, e a construir o próprio homem a partir de elementos da natureza; enquanto que, por outro lado, todos aqueles que reverentemente humilham-se diante de Cristo e o adoram como o Filho do Deus vivo, e o próprio Deus, estão resolvidos a salvar a ‘herança cristã’.

Assim, Kuyper escolheu falar sobre o Calvinismo como ‘a única, decisiva, lícita e consistente defesa das nações protestantes contra o usurpador e esmagador Modernismo<sup>6</sup>’. Foram ministradas seis palestras sobre o tema:

*Calvinismo como Sistema de Vida, Calvinismo e a Religião, Calvinismo e a Política, Calvinismo e a Ciência, Calvinismo e a Arte e Calvinismo e o Futuro.*

Atualmente, mais uma cosmovisão apresenta-se disputando o controle da mente das pessoas, o Pós-modernismo. Contudo, em 1898, a grande serpente que elevava sua cabeça ameaçadora contra o cristianismo era o Modernismo, a respeito do qual Kuyper bradou<sup>7</sup>:

Não foi da Grécia ou de Roma que saiu a regeneração da vida humana; - esta metamorfose poderosa remonta a Belém e ao Gólgota; e se a Reforma, em um sentido ainda mais especial, reivindica o amor de nossos corações é porque ela tem dispersado as nuvens do sacerdotalismo e tem novamente revelado a mais plena visão das glórias da cruz. Mas, em oposição mortal a este elemento cristão, contra o próprio nome cristão e contra sua influência salutar em cada esfera da vida, a tempestade do Modernismo tem agora surgido com intensidade violenta.

## **2. O Calvinismo como Sistema de Vida: As Três Relações Básicas**

Nas *Palestras Stones* o termo *calvinismo* não é utilizado no sentido pejorativo e sectário, nem no sentido dogmático e confessional daqueles que subscrevem o dogma da predestinação e nem no sentido qualificativo denominacional. Porém, ele é utilizado no sentido de sua *acepção científica* querendo-se com isso dizer que “o Calvinismo tem uma teoria de ontologia, de ética, de felicidade social de liberdade humana, derivada totalmente de Deus<sup>8</sup>”. Ou seja, Kuyper se propõe a abordar o Calvinismo como<sup>9</sup>...

[...] uma tendência geral independente, que de um princípio matrix próprio, tem desenvolvido uma forma independente tanto pra nossa vida como para nosso pensamento [...].

Além disso, o Calvinismo é contraposto, lado a lado, com os três grandes complexos da vida humana (o Paganismo, o Islamismo e o Romanismo), formando um conjunto de quatro mundos diferentes de pensamento que caracterizam a nossa época. Talvez o correto teria sido colocar o Cristianismo em oposição ao Paganismo e Islamismo, todavia Kuyper escolhe incluir o Calvinismo já que este “reivindica incorporar a idéia cristã mais pura e acurada do que poderia fazer o Romanismo e o Luteranismo”.

Ele argumenta que, entre as expressões existentes do Cristianismo, somente duas podem se colocar como tendo incorporado “seu pensamento de vida num mundo de concepções e expressões inteiramente próprias” de si mesmas: o Romanismo, que através de sua hierarquia é e permanece uniforme; e o Calvinismo, que surge em oposição ao Romanismo. De maneira peculiar, o Calvinismo surgiu<sup>10</sup>...

[...] não simplesmente para criar uma forma de Igreja diferente, mas uma forma inteiramente diferente para a vida humana, para suprir a sociedade

humana com um método diferente de existência, e para povoar o mundo do coração humano com ideais e concepções diferentes.

Ele não surgiu primeiramente como o resultado de um estudo teológico que então invadiu a vida, mas no contexto da vida e do enfrentamento das batalhas da vida e da estaca não tendo inicialmente muito tempo para se dedicar ao estudo. “Na ordem da existência, a vida vem primeiro”. O estudo mais profundo do Calvinismo veio depois quando surgiu a necessidade de refletir a existência como uma unidade no espelho da consciência.

Em contraste com o Romanismo, o Islamismo e até com o Modernismo que apresentam uma convicção de vida dominada por um princípio, somente o Protestantismo vagueia de um lado para o outro sem propósito e direção sendo presa fácil do Modernismo<sup>11</sup>. Kuyper atribui a fraqueza do Protestantismo diante desse inimigo simplesmente ao fato de ele carecer de uma igual unidade de concepção de vida<sup>12</sup>:

[...] Somente isto poderia habilitar-nos com irresistível energia para repelir o inimigo na fronteira. Esta unidade de concepção de vida, contudo, nunca será encontrada num conceito vago do Protestantismo, envolvido em todo tipo de caminhos tortuosos. Vocês o encontrarão naquele poderoso processo histórico, no qual como Calvinismo cavou seu próprio canal para o poderoso curso de sua vida. Apenas por essa unidade de concepção, como dada no Calvinismo, vocês na América e nós na Europa poderíamos ser capazes, uma vez mais, de tomar nossa posição ao lado do Romanismo, em oposição ao Panteísmo moderno. Sem essa unidade de ponto de partida e sistema de vida devemos perder o poder para manter nossa posição independente, e nossa força para resistir deve declinar.

Kuyper passa então a demonstrar que o Calvinismo, para se estabelecer como um sistema de vida que apresente unidade, firmes raízes no passado, capacidade de fortalecimento no presente e confiança no futuro, deve, partindo de um princípio especial, poder responder de maneira peculiar às nossas necessidades de relações com: *Deus, o homem e o mundo*.

A primeira condição, a questão do nosso relacionamento com Deus<sup>13</sup>, não está radicada no nosso intelecto, mas no coração e implica na oração, pois:

[É] nas profundezas de nossos corações, no ponto onde nos mostramos a nós mesmos ao Único Eterno, [que] todos os raios de nossa vida convergem como em um foco. Somente ali recobramos a harmonia que nós tão freqüente e penosamente perdemos no stress do dever diário. Na oração encontramos não somente nossa unidade com Deus, mas também a unidade de nossa vida pessoal.

Enquanto o Paganismo vê Deus na criatura, o Islamismo separa Deus da criatura e o Catolicismo coloca a Igreja entre Deus e a criatura, no Calvinismo<sup>14</sup>, Deus se comunica com a criatura, pois ele...

[...] proclama o pensamento glorioso que, embora permanecendo em alta majestade acima da criatura, Deus entra em comunhão imediata com a criatura, como Deus Espírito Santo. Este é o próprio coração e âmago da confissão calvinista da predestinação.

O princípio então é que há *uma comunhão imediata do homem com o Eterno*, independentemente do sacerdote ou igreja. O Calvinismo ultrapassa até mesmo o Luteranismo como criador de uma cosmovisão inteiramente própria. E a causa primária disso é que enquanto o Luteranismo enfatiza os aspectos subjetivo e antropológico, partindo do princípio soteriológico especial da justificação pela fé, o Calvinismo enfatiza os aspectos objetivo e cosmológico, partindo do princípio cosmológico geral da soberania de Deus<sup>15</sup>.

Segundo Kuyper, todo sistema de vida em geral é dominado pela interpretação da nossa relação com Deus. E no caso do Modernismo, que nasceu da Revolução Francesa de 1789 e cujo lema era a ausência total de relacionamento com Deus, essa mesma falta de relacionamento deu origem à sua cosmovisão. Entretanto, o Calvinismo não foi o resultado de um trabalho intelectual engenhoso de um homem, Calvino, mas foi o resultado de um mover irresistível do Espírito Santo sobre os corações de homens comuns da Europa Ocidental do século XVI, os quais foram admitidos pelo próprio Deus à comunhão com a majestade de seu ser eterno. É desse princípio que emerge o pensamento-matriz de vida abrangente do Calvinismo<sup>16</sup>:

Graças a esta obra de Deus no coração, a convicção de que o todo da vida do homem deve ser vivido como na presença divina tem se tornado o pensamento fundamental do Calvinismo. Por esta idéia decisiva, ou melhor, por este fato poderoso, ele tem se permitido ser controlado em cada departamento de seu domínio inteiro.

A segunda condição, é a questão do nosso relacionamento com o homem, que vai determinar a forma com que construiremos nossas vidas. A vida é marcada pela multiformidade sem fim: há diferenças de sexo, sociais, econômicas, genéticas, de dons e talentos físicos e espirituais. É a aceitação de um dos sistemas de vida consistentes que determinará quais características serão enfraquecidas ou acentuadas.

Por um lado o Paganismo acentua as diferenças através do seu politeísmo e sistemas de castas; por outro, o Islamismo e o Catolicismo fazem a mesma coisa evocando os conceitos do paraíso e da inferioridade da mulher e do kafir em relação ao fiel muçulmano, ou evocando a interpretação hierárquica do relacionamento entre os seres, nas regiões celestiais, na igreja e entre os homens, gerando uma interpretação aristocrática da vida; ao passo que o Modernismo “destrói a vida pondo-a sob a maldição da uniformidade<sup>17</sup>”, buscando eliminar todas as diferenças. O Calvinismo, porém, vê os homens como iguais diante de Deus e entre si, permanecendo apenas as distinções impostas pelo próprio Deus, condena até a escravidão dissimulada da mulher e do pobre, não tolera a aristocracia e apóia a interpretação democrática da vida, proclama a liberdade das nações, respeitando os homens por haverem sido

criados à imagem de Deus, modifica a estrutura da sociedade sem apelar para a luta de classes, valoriza o trabalho de tal maneira que ricos e pobres possam se encontrar de joelhos diante de Deus<sup>18</sup>, nas palavras de Kuyper:

Ter colocado o homem em uma posição de igualdade com o homem é a glória imortal que pertence incontestavelmente ao Calvinismo. A diferença entre ele e o sonho selvagem de igualdade da Revolução Francesa é que, enquanto em Paris ocorreu uma ação de comum acordo contra Deus, aqui, todos, rico e pobre, estavam sobre seus joelhos diante de Deus, consumidos com um zelo comum pela glória de seu nome.

A terceira condição, é a questão do nosso relacionamento com o mundo. No Paganismo estima-se o mundo de uma maneira muito alta e por isso tem-se medo de e se perde no mundo. No Islamismo, ao contrário, há uma estimativa muito baixa do mundo, como consequência zomba-se e triunfa-se sobre o mundo lançando mão do mundo visionário do paraíso sensual. No Romanismo, a Igreja tenta reger o mundo, que está em antítese com os círculos cristãos, pois tudo que está debaixo da esfera da Igreja é santificado, está exorcizado, ao passo que o que se encontra na esfera do mundo está sob maldição e sob a influência de demônios. A Igreja procura dominar sobre tudo, manter tudo debaixo de sua chancela e tutela, da vida familiar, passando pelas artes e ciências, até a vida social e negócios. A estaca está preparada para o bruxo e o herege e o ideal é a fuga do mundo através das ordens monásticas e clericais. Dessa maneira o mundo terminou por corromper a Igreja e a Igreja acabou por obstaculizar o livre desenvolvimento da vida<sup>19</sup>.

O Calvinismo, em contraste, reconhece Deus no mundo, operando através da Graça Particular para a salvação e através da Graça Comum para suavizar a maldição, suspender a corrupção e permitir o livre desenvolvimento da vida. Através do Calvinismo, a Igreja recupera o seu verdadeiro papel, retrocedendo até à congregação dos crentes e emancipando a vida do mundo do seu domínio, permanecendo, porém, sob a dependência de Deus. A vida doméstica, os negócios e o comércio recuperam a independência. A arte e a ciência não ficam mais debaixo do vínculo eclesiástico e os homens recuperam o santo dever de sujeitar a natureza com suas forças e tesouros ocultos, através do mandato cultural<sup>20</sup>.

Doravante, a maldição não deveria mais repousar sobre o mundo em si, mas sobre aquilo que é pecaminoso nele. Em vez do voo monástico para fora do mundo é agora enfatizado o dever de servir a Deus no mundo, em cada posição da vida. Louvar a Deus na Igreja e servi-lo no mundo tornou-se o impulso inspirador; na Igreja, deveria ser reunida força para resistir à tentação e ao pecado no mundo. Deste modo, a sobriedade puritana veio de mãos dadas com a reconquista da vida toda do mundo, e o Calvinismo deu o impulso para este novo desenvolvimento que ousou encarar o mundo com o pensamento romano: *nil humanum a me alienum puto*, embora nunca permitiu-se ser intoxicado por sua taça venenosa.

Do lado do Protestantismo, contudo, o Anabatismo se colocou em antítese com o Calvinismo, confirmando o ponto de partida monástico, generalizando-o e tornando-o uma regra para *todos* os crentes. Outrossim, deu origem ao Acosmismo entre os protestantes da Europa Ocidental, negando qualquer legitimidade às atividades humanas fora da cobertura da igreja. Culminou com o triste episódio de João Leiden, invadindo e conquistando a cidade de Munster e se autoproclamando rei da Nova Sião, executando seus opositores, instituindo uma comunidade de bens e a poligamia. Todavia<sup>21</sup>,

[...] o Calvinismo rejeitou a teoria anabatista [a respeito do mundo] e proclamou que a Igreja deve retirar-se novamente para dentro de seu domínio espiritual, e que no mundo nós deveríamos realizar as potências da graça comum de Deus.

### **3. O Calvinismo no Desenvolvimento da Humanidade<sup>22</sup>**

Para que o Calvinismo possa reivindicar a energia e devoção de nossos corações é preciso demonstrar que ele teve a honra de levar a humanidade a um estágio superior em seu desenvolvimento. Não basta que tenha se firmado num dado contexto como estrutura independente originando tanto no campo espiritual quanto no campo social um sistema especial para a vida doméstica e social. Porque civilizações houve que se fecharam em um círculo próprio e alcançaram um alto grau de desenvolvimento mas permaneceram isoladas como os lagos que não se comunicam e não deixaram nenhum benefício para a humanidade em geral.

Kuyper argumenta que o desenvolvimento da humanidade passou por estágios representados numa ordem cronológica pelo Paganismo, Islamismo e o Romanismo. Que em termos espaciais o desenvolvimento da humanidade fluiu da Babilônia e do vale do Nilo, tornando-se mais caudaloso passando pela Grécia e chegando até o Império Romano. Depois esse rio seguiu para o noroeste da Europa, e da Holanda e Inglaterra, alcançou finalmente os Estados Unidos<sup>23</sup> aí já neste último ciclo representado pelo Calvinismo.

Porque o desenvolvimento dos sistemas de vida é orgânico o Calvinismo lança suas raízes na direção do passado retroagindo para Agostinho, daí para Paulo em sua carta aos Romanos, daí para os profetas de Israel e então alcançando as tendas dos patriarcas.

Kuyper argumenta que outro componente é a mistura de sangue através da miscigenação que é a base física de todo desenvolvimento humano superior. Através da bênção profética de Noé a humanidade se dividiu em raças e nações, a partir de Sem e Jafé. Aquelas nações tribais que se miscigenaram alcançaram um desenvolvimento superior na raça humana, aquelas que não o fizeram dominaram exclusivamente suas próprias forças inerentes. Porque a história da raça humana visa ao desenvolvimento da humanidade como um todo era necessário que houvesse a mistura de sangue para atingir o seu alvo. É possível ver que na genealogia das nações calvinistas encontra-se a miscigenação das três principais tribos da Europa Ocidental: a céltica, a romana e a alemã, com liderança desta última. A América do Norte é o lugar da mistura do sangue de

todas as tribos do mundo antigo, uma vigorosa miscigenação das raças. Por isso, o Calvinismo conseguiu ali elevar a sua expansão ao maior grau possível até a época em que as palestras foram proferidas.

Outro sinal de apogeu desse processo de desenvolvimento humano é quando, sob a influência do Calvinismo, aparece o impulso da atividade pública do próprio povo. É o desenvolvimento da liberdade política da humanidade caminhando da menoridade tutelada para a maioridade madura, conforme Kuyper explica em analogia<sup>24</sup>:

Como na vida familiar, durante os anos de infância a direção dos afazeres está nas mãos dos pais, assim também na vida das nações é natural que durante seu período de menoridade primeiro o déspota asiático deveria estar à frente de cada movimento, depois algum eminente governador, mais tarde o sacerdote, e finalmente ambos, o sacerdote e o magistrado juntos.

A fase da maioridade das nações se caracteriza pelo fato de que “o próprio povo despertado defende seus direitos e dá origem ao movimento que deve dirigir o curso dos eventos futuros<sup>25</sup>”. Essa fase é visível na ascensão do Calvinismo quando a direção do movimento é invertida:

Até aqui cada movimento para frente tinha saído da autoridade do Estado, da Igreja ou da ciência, e daí descido para o povo. No Calvinismo, por outro lado, as próprias pessoas destacam-se em suas classes sociais e, a partir de uma espontaneidade própria delas, pressionam para frente, para uma forma de vida e condições superiores. O Calvinismo teve sua ascensão com o povo.

Para exemplificar isso, Kuyper compara a história dos avanços públicos nas nações onde vicejou o Luteranismo e naquelas onde o Calvinismo tomou o seu lugar. Ele então argumenta que na Holanda, onde o heroísmo do espírito calvinista estava presente, a independência do domínio espanhol só foi conseguida quando finalmente o ‘povo comum’ se uniu à nobreza e abraçou a causa em sublevação conjunta. Ou seja<sup>26</sup>,

Na Suíça, na França, na Holanda, na Escócia e na Inglaterra, e onde quer que o Protestantismo teve de estabelecer-se na ponta da espada, foi o Calvinismo que prosperou.

#### **4. Conclusão**

A tese de Kuyper, que ele vai desenvolver ao longo de suas seis palestras, é que a História mostra um avanço do desenvolvimento humano para um estágio superior e que o Calvinismo não só representa *um princípio peculiar dominando o todo da vida*, mas ele satisfaz as condições para a transição de estágios. Ele não apenas *satisfaz todas as condições* para esse avanço, mas que se tornou *o fenômeno central no desenvolvimento da humanidade*. Ele tem não só



contribuído para o enobrecimento da vida social das nações, na verdade, ele tem induzido este enobrecimento. Ele não só sustenta estas possibilidades, mas também aprendeu como realizá-las.

Ele arrisca-se a delinear um cenário de como seria o mundo sem o surgimento do Calvinismo. Nele a Holanda teria sido esmagada pela Espanha a qual teria também dominado todo o continente americano. O livre desenvolvimento da Europa e América teria sido impedido. Nas suas próprias palavras<sup>27</sup>:

[...] Na Inglaterra e Escócia, os Stuart teriam executado seus planos fatais. Na Suíça, o espírito de indiferença teria prosperado. [...] a balança do poder na Europa teria retornado à sua primeira posição. O Protestantismo não teria sido capaz de manter-se na política. Nenhuma resistência adicional poderia ter sido oferecida ao poder romanista conservador dos Habsburgo, dos Bourbon e dos Stuart [...] [O espírito do 'Acordo provisório' entre os católicos romanos e os protestantes alemães poderia ter sido bem sucedido e o resultado teria sido] um protestantismo romanizado, ao reduzir o norte da Europa novamente ao controle da velha hierarquia.

Finalmente, Kuyper argumenta que o Calvinismo carrega em sua semente a poder germinador capaz de revitalizar a história<sup>28</sup>:

Sim, assim como um grão de trigo do sarcófago dos Faraós, quando novamente confiados à guarda do solo, traz fruto a cem vezes mais, assim o Calvinismo ainda carrega em si um poder maravilhoso para o futuro das nações. E se nós, cristãos de ambos os continentes, ainda em nossa santa luta, ainda estamos esperando realizar ações heróicas marchando sob a bandeira da cruz contra o espírito dos tempos, somente o Calvinismo nos equipa com um princípio inflexível, pela força deste princípio, garantido-nos uma vitória segura, embora longe de ser uma vitória fácil.

Se a tese de Kuyper puder ser comprovada verdadeira e considerando-se que o Brasil é um caldeirão de miscigenação de todas as raças, muito mais do que a dos norte-americanos, seria de se esperar que o Calvinismo aqui encontrasse um novo e forte impulso rejuvenescedor, maior ainda do que aquele que outrora habitou na grande nação da América do Norte. E levando em conta a crise por que passa o cristianismo no Brasil e no mundo, quem sabe seria hora de examinar honestamente os princípios do sistema de vida ou da cosmovisão Calvinista e ver se eles teriam o mesmo sucesso se diligentemente observados entre nós.

---

<sup>1</sup> Kuyper, Abraham. **Calvinismo**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2002, trad. Ricardo Gouvêa e Paulo Arantes, p. 14.

<sup>2</sup> Apud, Horton, Michael. **O Cristão e a Cultura**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1998, p. 31.

<sup>3</sup> Kuyper, op. cit., p. 11.

---

<sup>4</sup> Sire, James W., **O Universo ao Lado: A Vida Examinada, Um Catálogo Elementar de Cosmovisões**, São Paulo, SP, Editora United Press, p. 21.

<sup>5</sup> Kuyper, op. cit., p. 19.

<sup>6</sup> Ibid., p. 20.

<sup>7</sup> Ibid., p. 18.

<sup>8</sup> Apud, Kuyper, op. cit., p. 23.

<sup>9</sup> Ibid., p. 24.

<sup>10</sup> Ibid., p. 26.

<sup>11</sup> Cf., ibid., p. 27.

<sup>12</sup> Ibid., p. 28.

<sup>13</sup> Ibid., p. 29.

<sup>14</sup> Ibid., p. 30.

<sup>15</sup> Cf. ibid., p. 29.

<sup>16</sup> Ibid., p. 34.

<sup>17</sup> Ibid., p. 35.

<sup>18</sup> Cf. ibid., p. 36 e 37.

<sup>19</sup> Cf., ibid., p. 38.

<sup>20</sup> Cf., ibid., p. 38 e 39. *Nada que seja humano deixa de ser importante para mim.*

<sup>21</sup> Kuyper, op. cit., p. 40.

<sup>22</sup> Cf., ibid., p. 40-47.

<sup>23</sup> E, continuando o raciocínio, poderíamos dizer que hoje alcançou a América do Sul.

<sup>24</sup> Kuyper, op. cit., p. 46.

<sup>25</sup> Ibid., p. 47.

<sup>26</sup> Ibid., p. 48.

<sup>27</sup> Ibid., p. 48.

<sup>28</sup> Ibid., p. 49-50.